

Um estudo da autoria de quatro manuscritos jesuítcos do século XVIII

A study of the authorship of four 18th-century Jesuit manuscripts

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v7i3.39436>

Maycon Henrique dos Santos Pereira

Possui graduação em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (2013). Atualmente, cursa Letras – Português / Inglês pela Universidade Federal da Grande Dourados.

E-mail: maycon.henrique.pereira@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8962-620X>

Bruno Oliveira Maroneze

Professor Associado I da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Tem graduação em Linguística/Português pela Universidade de São Paulo (2002), mestrado em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2005) e doutorado em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2011).

E-mail: bruno.maroneze@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2821-9448>

RESUMO

O presente artigo é um trabalho paleográfico que analisa quatro manuscritos jesuítas de meados do século XVIII. Dois manuscritos são assinados por Gabriel Malagrida e dois por Francisco Wolf. Os documentos fazem parte da coleção de Alberto Lamego. Os jesuítas que assinam os documentos realizaram trabalhos missionários na Amazônia portuguesa em períodos e lugares próximos. Os dois documentos assinados por Malagrida apresentam grande contraste entre si na grafia, levantando a hipótese de que os documentos foram escritos por punhos diferentes. Ademais, observou-se similaridade entre a grafia de uma das cartas de Malagrida e as assinadas por Wolf. A segunda hipótese é que pode se tratar do mesmo escriba, visto que os manuscritos apresentam locais de origem e datas relativamente próximas.

Palavras-chave: Jesuítas. Paleografia. Manuscritos do século XVIII. Filologia. Latim.

ABSTRACT

This article is a paleographic work that analyzes four 18th-century Jesuit manuscripts. Two manuscripts are signed by Gabriel Malagrida and two by Francisco Wolf. The documents are part of Alberto Lamego's collection. The Jesuits who signed the documents carried out missionary work in the Portuguese Amazon in periods and places close to each other. The two documents signed by Malagrida show great contrast in the spelling, raising the hypothesis that the documents were written by different scribes. In addition, a similarity was observed between the spelling of one of Malagrida's letters and those signed by Wolf. The second hypothesis is that it may be the same scribe, since the manuscripts present relatively close places of origin and dates.

Keywords: Jesuits. Paleography. 18th century manuscripts. Philology. Latin.

Introdução

Neste trabalho, apresentamos a transcrição e um estudo paleográfico de quatro manuscritos datados de meados do século XVIII. Trata-se de quatro cartas, duas assinadas por Gabriel Malagrida e duas assinadas por Francisco Wolf, que se encontram na coleção Alberto Lamego do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB)¹. O quadro a seguir resume a descrição e o conteúdo dos documentos:

Quadro 1 – Documentos analisados

Número do documento	Autor	Local e data	Idioma	Código no catálogo do IEB	Número de fólios	Descrição
1	Gabriel Malagrida	sem data, sem local	latim	AL-001-025	01	Carta escrita em latim, possivelmente por Malagrida. É acompanhada por uma tradução
2	Gabriel Malagrida	28 de novembro de 1751	português	AL-001-026	2 folhas (1r, 1v, 2r, 2v)	Carta em português escrita por punho desconhecido, mas assinada por Malagrida.
3	Francisco Wolf	25 de novembro de 1753	latim	AL-001-003	1 folha (1r, 1v) e 1 envelope	Carta escrita em latim, possivelmente por Wolf.
4	Francisco Wolf	1749	português	AL-001-006	Uma única folha dobrada; o	Carta escrita em latim, possivelmente por

¹ Agradecemos aos profissionais do Instituto de Estudos Brasileiros pela digitalização dos manuscritos e autorização para a publicação.

					texto ocupa a metade direita (1r) e o seu verso (1v); e 1 envelope	Wolf. Encontra-se deteriorada, mas é acompanhada de uma tradução.
--	--	--	--	--	--	---

Fonte: elaborado pelos autores.

As cartas integram a coleção de Alberto Frederico de Moraes Lamego (1870–1951), que foi um colecionador de obras raras e documentos sobre a história do Brasil. Lamego adquiriu a grande maioria de seu acervo quando residiu na Europa, frequentando arquivos e adquirindo obras raras em leilões e livrarias. Sua coleção, de mais de 4.500 documentos, foi entregue à USP em 1935 e transferida ao IEB em 1968 (INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS, 2016).

As cartas aqui analisadas integram um conjunto maior, de 42 cartas (códice 1 da coleção), todas escritas por jesuítas e datadas de meados do século XVIII, período próximo aos eventos que culminaram com a expulsão da Companhia de Jesus do território da América Portuguesa. Dentre essas cartas, foram selecionadas quatro, por apresentarem uma interessante questão paleográfica: uma delas aparenta ter sido escrita pelo mesmo punho de outras duas, embora as assinaturas sejam diferentes.

Assim, aventaram-se as seguintes hipóteses:

- **Hipótese 1:** as duas cartas assinadas por Gabriel Malagrida (01 e 02) não foram escritas pelo mesmo punho;
- **Hipótese 2:** as cartas 02, 03 e 04 (a primeira, de Malagrida; as demais, de Wolf) foram escritas pelo mesmo punho.

Na seção 1 deste artigo, apresenta-se uma breve biografia de cada um dos jesuítas autores das cartas, além de um breve contexto histórico em que foram redigidas. A seção 2 apresenta algumas considerações teóricas e metodológicas a respeito da Paleografia. Na seção 3, procura-se verificar ou refutar as hipóteses acima formuladas com o emprego de métodos paleográficos. Por fim, nas considerações finais, discutem-se possíveis decorrências dessas hipóteses para se compreender o contexto de escrita das cartas. Incluem-se, nos anexos 1 e 2, respectivamente, uma tabela comparativa do alfabeto paleográfico das cartas e a sua transcrição semidiplomática, bem como a tradução das cartas em latim.

1. Biografia dos autores e contextualização histórica

O padre jesuíta Gabriel Malagrida (1689-1761) atuou na região do Grão-Pará e Maranhão desde 1721. O desejo por atuar no ultramar fez com que Malagrida solicitasse ao seu superior a concessão para evangelizar no Novo Mundo. Contudo, esse primeiro pedido lhe foi negado. Assim, Malagrida foi nomeado professor de humanidades no colégio de Bástia, Córsega, ofício que também exerceu nas possessões portuguesas (MEDEIROS, 2017, p. 21). Após o período do magistério, Malagrida pediu novamente para atuar como missionário no Novo Mundo. O pedido foi aprovado pelo Padre Geral e, no ano de 1721, Malagrida embarcou para a América Portuguesa, tendo atuado na região norte do atual território brasileiro (MEDEIROS, 2017, p. 21-22).

Sobre o período de atuação de Malagrida como missionário na América portuguesa há inúmeros trabalhos biográficos, contemplativos e hagiográficos.

Em 1754, a pedido da rainha Maria Ana de Áustria, retornou para Portugal, cruzando pela última vez o Atlântico. Em terras portuguesas, Malagrida foi acusado de herege por Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal e Conde de Oeiras, no processo dos Távoras, e garrotado e queimado na fogueira no auto-de-fé no Rossio de Lisboa, em 1761 (MEDEIROS, 2017).

Sobre o padre Francisco Wolff (1707-1767), sabemos que foi autor de alguns documentos em português e em latim retratando os acontecimentos nas missões em que atuou. Sobre sua vida e atuação com jesuíta, destacamos:

Francisco Wolff (1707-1767), missionário jesuíta da Europa Central, que nasceu na cidade de Landeck, em 1707, e chegou ao Estado do Grão-Pará e Maranhão, em 1738. Atuou na Aldeia dos Guajajaras e em várias outras. Foi parceiro do Vice-Provincial entre 1743 e 1753. Tornou-se Vice-Provincial em 1760, nomeado pelo Frei Miguel de Bulhões e Souza, então Bispo do Pará. Algum tempo após ser nomeado para o cargo, no entanto foi deportado para Portugal, em virtude do processo de expulsão dos inicianos que vinha então ocorrendo na América portuguesa. Morreu na prisão de São Julião da Barra, em janeiro de 1767 (LEITE, 1949, t. 9, p.367; MEIER; AYMORÉ, 2005, v. 1, p. 344-345). (BARROS, MONSERRAT, PRUDENTE, 2014. p. 77)

As cartas aqui transcritas tratam de relatos sobre as ações dos jesuítas nas missões, agradecimentos das graças concedidas pela Coroa portuguesa. A carta AL-001-003, de Francisco Wolf, foi escrita em latim e conta com uma tradução, registrada sob o número AL-001-004 do catálogo do IEB. A carta AL-001-006 foi escrita em latim, porém encontra-se muito deteriorada; é acompanhada por uma tradução, feita por um tradutor anônimo provavelmente no início do século XX. A carta AL-001-

025, de Gabriel Malagrida, foi escrita em latim e também é acompanhada por uma tradução, feita pelo mesmo tradutor anônimo da carta AL-001-006. A carta AL-001-026, de Gabriel Malagrida, foi escrita em português.

Na carta AL-001-003, Francisco Wolf apresenta à rainha uma queixa sobre o governo local, apontando para uma possível contenda entre o poder secular e o temporal. Com teor de súplica, Wolf solicita intervenção por parte da rainha nessas questões, pois acredita que o governador local, na época Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão do Marquês de Pombal, estaria usando da influência de seu irmão para causar a ruína da missão. Wolf menciona a apelação de Malagrida em uma tentativa de interceder junto a corte para evitar esses atos.

Além disso, o jesuíta trata de algumas ações realizadas no seminário de Camutá, como a recepção de treze jovens mulheres e seis missionários alemães. Ele relata a chegada de mais quatro missionários e narra a recepção deles ao desembarcarem no Maranhão. Nessa passagem, Wolf conta que ao recebê-los, fingiu se passar por português, mas foi logo reconhecido pelos missionários. Em seguida, ele descreve as destinações e os feitos desses missionários recém-chegados, mencionando inclusive aproximações com outras aldeias.

No segundo documento, AL-001-006, Francisco Wolf inicia agradecendo o recebimento da carta da rainha e os presentes enviados. Ademais, relata o seu pesar com a morte de muitos índios e que, por esse motivo, os portugueses iriam solicitar a permissão real para adentrar os sertões em buscas de novos escravos indígenas. Sobre isso, Wolf apela para que a rainha defenda esses povos, temendo a má sorte deles.

Wolf expressa que atenderá o desejo da rainha de que ele permaneça na província, ressaltando que recebeu a autorização do padre provincial várias vezes para que acompanhasse o padre Malagrida em suas pregações por todo o Brasil.

No documento AL-001-025, atribuído a Gabriel Malagrida, o jesuíta inicia agradecendo as cartas que a rainha lhe enviou e relata que, do ofício que lhe foi destinado, a construção de um seminário, foi construído no lugar um mosteiro para freiras. Em seguida, ele relata que nas cartas por ele recebidas, havia o pedido da rainha para que ele retornasse para Portugal. Ele aceita o pedido, mas faz a ressalva de que tem dificuldade em fazer a viagem. Por fim, segue tecendo elogios à obra implementada pela rainha no Maranhão, a Casa para Exercícios.

Na segunda carta de Gabriel Malagrida, AL-001-026, ele se queixa do fato de ter sido impedido de pregar no navio em que navegava até o Maranhão. Faz um relato das poucas pregações que realizou, em que atendeu cerca quatrocentas almas até a chegada no Maranhão. Na província, o padre logo tratou dos encargos do seminário, afirmando ter doado três mil cruzados e reformulado a

organização dos prédios da missão. Ele contabilizou que com a chegada de mais onze missionários, o local contaria com trinta.

Chegando ao Pará, Malagrida faz elogios ao desenvolvimento em letras e virtudes dos seminaristas que lá se encontravam. Também faz uma reclamação de que não foi possível construir moradas melhores, pois faltava terreno para tal feito. Por esse motivo, ele pede que a rainha interfira na disputa das terras que pertenciam ao Padre Lazaro Lima e que seriam doadas para os missionários. O embate ocorreu porque o governador local havia decidido usar as terras para o exercício de soldados.

Em seguida, Malagrida queixa-se da interferência do governador na doação dos bens de Nicolau Ribeiro e de sua mulher. Por fim, outra questão trazida por Malagrida diz respeito ao recolhimento de jovens mulheres, pois ele teme pela honra delas. Ele indica que o recolhimento dessas jovens é de grande importância para obra. Sobre essa obra, Malagrida solicita que a rainha lhe conceda a licença necessária para realizá-la, como a que lhe foi concedida pelo rei Dom João IV.

2. Considerações teóricas sobre a Paleografia

A Paleografia pode ser definida como o “estudo das escritas antigas” (CAMBRAIA, 2005, p. 23). Spina (1977, p 18) a define como “estudo das antigas escritas e da evolução dos tipos caligráficos em documentos. Ela também é considerada uma ciência que complementa outras áreas, como a Filologia, a História, entre outras. Para Berwanger e Leal (2008, p. 16): “[...] a Paleografia abrange a história escrita, a evolução das letras bem como os instrumentos para escrever. Pode ser considerada arte ou ciência. É ciência na parte teórica. É arte na aplicação prática. Porém, acima de tudo, é uma técnica”.

Berwanger e Leal (2008, p. 19) a subdividem em dois campos de trabalho:

- (a) **Elementar:** quando trata somente da leitura; e
- (b) **Crítica:** quando procura deduzir informações sobre o material, época, tipo de escrita, tintas, autores etc.

Os estudos paleográficos, constituídos de forma sistemática, originam-se no século XVII, em uma iniciativa do jesuíta Daniel van Papenbroeck (1628-1714), que, observando o grande número de documentos falsos circulando na Europa, apresenta critérios para averiguar a veracidade de documentos na obra denominada *Propylaeum Antiquarium circa Veri ac Falsi Discrimen in Vetustis Membranis* (Antuérpia, 1675). Papenbroeck apresenta nesta obra uma classificação das diferentes escritas como critério para suas análises (CAMBRAIA, 2005, p. 23). Outros grandes nomes que contribuíram para a

constituição dessa ciência, segundo Cambraia (2005), foram Jean Mabillon (1632-1707), que escreveu a obra *De Re Diplomatica Libri IV* (Paris, 1681), em que aprofunda a análise dos tipos de escrita, e Bernard de Montfaucon (1655-1741), que escreveu *Palaeographia Graeca Sive de Ortu et Processu Litterarum Graecarum* (Paris, 1708), obra que registra a nomenclatura desse campo de estudo.

As contribuições da paleografia para as ciências da linguagem são muitas. Sua finalidade é tanto teórica quanto pragmática, como explica Cambraia:

A finalidade teórica manifesta-se na preocupação em se entender como se constituíram sócio-historicamente os sistemas de escrita; já a finalidade pragmática evidencia-se na capacitação de leitores modernos para avaliarem a autenticidade de um documento, com base na sua escrita, e de interpretarem adequadamente as escritas do passado (CAMBRAIA, 2005, p. 23).

No processo de leitura, o pesquisador deve ficar atento a alguns aspectos da escrita ao realizar a análise paleográfica. Segundo Berwanger e Leal (2012), “o estudioso da leitura paleográfica deve conhecer, antes de tudo, não só a língua em que o documento foi escrito como também na época da inscrição” (BERWANGER; LEAL, 2012, p. 90).

Dessa forma, o pesquisador observa a base da escrita, a tinta, o tipo de grafia usada, espaçamentos, pontuação, abreviações, traçado das palavras, assim como anotações e adulterações no documento, além de outros aspectos, como apontam Berwanger e Leal (2012, p. 90).

Um trabalho confiável e que possa vir a ser utilizado em pesquisas linguísticas e históricas deve se pautar em princípios e fundamentos no campo da Paleografia, objetivando estabelecer a edição semidiplomática dos documentos, conservadora; assim, faz-se necessário o estabelecimento de critérios rigorosos. Tomás Marín Martínez (1991, *apud* FACHIN, 2006, p. 27-28), na obra “Paleografia y Diplomática”, traça alguns princípios para a leitura dos manuscritos:

- Observar e fixar figura e desenho de letras isoladamente;
- Observar as junções dos desenhos das letras;
- Observar as abreviaturas e buscar explicações para elas;
- Colocar em prática a leitura, iniciando dos textos mais simples aos mais complexos.

A formulação do alfabeto é uma etapa importante no processo de leitura dos textos. Ele trará maior segurança e confiabilidade na elaboração da edição do documento. Trata-se de uma tarefa que requer cuidado e paciência, pois o pesquisador encontrará muitos desafios, como pedaços apagados, abreviaturas, rasuras, entre outros.

Ao se estabelecer critérios, como os evocados por Mallon, levam-se em consideração vários fatores que influenciam no momento da escrita, como o tipo de pena, o suporte utilizado, a tinta. A análise do traçado da letra é de grande importância, pois mesmo conhecendo o seu desenho, essas condições adversas podem contribuir para que o desenho fique completamente diferente. Logo, o estudo do traçado contribui para elucidar a intenção do escriba.

3. Verificação das hipóteses

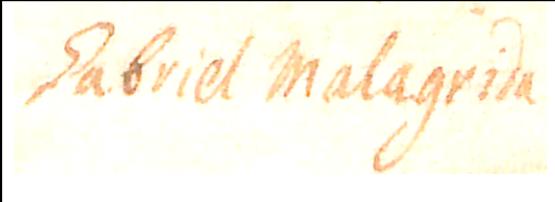
As cartas aqui transcritas apresentam algumas questões paleográficas que precisam ser analisadas. Em princípio, supõe-se que as cartas assinadas pelo mesmo autor apresentariam a mesma caligrafia. No entanto, há dúvidas em dois casos. Para resolver essas dúvidas, foi feito um estudo comparativo dos alfabetos dos documentos. Dessa forma, organizamos uma tabela (Anexo 1) dividida em cinco colunas: a primeira trata da identificação do documento, conforme consta no Quadro 1, já apresentado; na segunda coluna, encontra-se a ocorrência da letra em posição maiúscula inicial; a terceira coluna trata da ocorrência minúscula inicial; na quarta coluna encontram-se as ocorrências de minúscula medial; e a quinta coluna refere-se à ocorrência minúscula final.

Conforme pode ser verificado pela comparação dos alfabetos, a diferença entre os punhos dos documentos 01 e 02 é muito grande, revelando tratar-se de dois escribas diferentes (apesar da mesma assinatura), confirmando a primeira hipótese.

Em relação à segunda hipótese, parece ser mais difícil de se verificar, mas os alfabetos dos três textos são suficientemente semelhantes para que se afirme que foram possivelmente escritas pelo mesmo punho. Como os três documentos são originários do mesmo lugar (Pará) e de datas relativamente próximas (1749, 1751 e 1753), é plausível supor que Francisco Wolf tenha redigido a carta assinada por Malagrida, talvez por este ter um domínio limitado do português escrito, ou por não estar em condições físicas para realizar a escrita devido à idade avançada (visto que tinha 62 anos em 1751, contra 44 de Francisco Wolf).

A assinatura dos dois documentos de Malagrida é a mesma, o que mostra que Malagrida de fato assinou ambos. Mas só em um deles a assinatura tem a mesma letra do corpo do documento. Seguem na Tabela 1 as assinaturas de Malagrida nos documentos 01 e 02:

Tabela 1 - Assinaturas de Gabriel Malagrida

09	11
	

Fonte: Elaborado pelos autores.

Considerações finais

O presente trabalho, além de contribuir para divulgar o conteúdo e as transcrições das cartas para futuras pesquisas, teve como objetivo identificar a autoria e a redação das duas cartas assinadas pelo jesuíta Gabriel Malagrida.

Tendo em vista os dados expostos na apresentação do alfabeto contrastivo, podemos considerar que a grafia do documento assinado pelo padre Malagrida difere entre os documentos 01 e 02. A semelhança entre a assinatura e a grafia do texto leva a supor que ele tenha escrito o documento de número 01. Já a escrita da carta 02 de Malagrida guarda muitas semelhanças com escrita das cartas de Wolf; considerando o período datado e a localidade em que foram remetidas, é possível supor que o mesmo punho que escreveu a carta 02 tenha também escrito as cartas 03 e 04.

Independentemente da identificação precisa dos autores e redatores das cartas, fica evidenciado que as práticas de escrita dos jesuítas na América Portuguesa incluíam a possibilidade de que uma pessoa redigisse à mão um documento que seria assinado por outra. É possível apenas especular sobre o motivo que levou Malagrida a ter sua carta redigida por um terceiro; por ter chegado ao Brasil em 1721, já com 32 anos, talvez não tivesse um domínio adequado do português escrito, necessitando de um escriba para traduzir suas ideias.

Referências bibliográficas

- BARROS, Cândida; MONSERRAT, Ruth; PRUDENTE, Gabriel. **O “ocapora” em listas de repartição de índios e nas fontes da língua geral na Amazônia no século XVIII: um vassalo indígena?** Campo Grande: Tellus, ano 14, n. 26, p. 75-99, jan./jun. 2014.
- BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípides Franklin. **Noções de paleografia e diplomática.** Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2008.
- CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FACHIN, Phablo Roberto Marchis. **Estudo paleográfico e edição semidiplomática de manuscritos do conselho ultramarino (1705-1719).** Dissertação (mestrado em Letras), Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2006.
- INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS. Alberto Lamego. 2016. Disponível em: <<http://www.ieb.usp.br/alberto-lamego/>>. Acesso em: 04 set. 2020.
- MEDEIROS, Thiago Gomes. **Entre cartas e escritos: a trajetória do Padre Gabriel Malagrida e o Seminário Jesuíta da Parahyba (Séculos XVII e XVIII).** Dissertação (mestrado em História), UFPB/CCHLA/PPGH, 2017.